

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

ANA PAULA HONESKO

**LONGE DO SONHO AMERICANO: UMA ANÁLISE SOCIOLITERÁRIA DE  
*INTO THE WILD*, DE JON KRAKAUER**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2018

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

ANA PAULA HONESKO

**LONGE DO SONHO AMERICANO: UMA ANÁLISE SOCIOLITERÁRIA DE  
*INTO THE WILD*, DE JON KRAKAUER**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do grau de Licenciado em  
Letras/Português-Ingês, da Universidade  
Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus  
Pato Branco.

Linha de Pesquisa: Literaturas de Língua  
Inglesa

Orientadora: Mariese Ribas Stankiewicz

PATO BRANCO – PR

2018

## FICHA DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Câmpus Pato Branco  
Departamento Acadêmico de Letras  
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

### FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **ANA PAULA HONESKO**

Título: **Longe do sonho americano: uma análise socioliterária de *Into The Wild*, de Jon Krakauer.**

Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADO em  
22 / 06 / 18, pela comissão julgadora:

Prof.<sup>a</sup> **Dra. Mariese Ribas Stankiewicz** – UTFPR Pato Branco  
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof. Me. **Nilson de Farias** – UTFPR Pato Branco  
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof.<sup>a</sup> **Dra. Camila Paula Camilotti** – UTFPR Pato Branco  
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof. Dr. **Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier**  
Coordenador do Curso de Letras Português/Inglês

Prof.<sup>a</sup> **Ma. Rosângela Aparecida Marquezi**  
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso  
Portaria n.º 295 de 01/09/2015

**A Folha de Aprovação Original encontra-se disponível na Coordenação**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer seja quem for que me indicou o filme *Into the Wild*, pois depois dele muitos de meus conceitos mudaram e, conseqüentemente, depois do livro muitos mais.

Sinto-me grata pelos professores os quais tive a oportunidade de conhecer durante os anos de graduação, mas nenhum, sem dúvidas, foi mais especial que minha orientadora, Professora Mariese, pela qual tenho grande admiração, respeito e consideração, agradeço por cada conselho, por cada aula, por cada ensinamento que recebi nesses quatro anos e meio de jornada.

Agradeço ao apoio de minha família que nos momentos mais difíceis esteve ao meu lado, também, à família a qual não escolhi, a família que a UTFPR me proporcionou, meus amigos do coração que guardarei para sempre comigo, passamos por inúmeros momentos difíceis no decorrer dos anos, mas esses momentos não são nada quando comparados aos bons.

A vida retribui as ações que fazemos, e eu sou grata à minha vida por ter colocado cada amigo e professor que conheço em meu caminho, depois de quatro anos e meio no Curso de Licenciatura em Letras, aprendi que um gesto carinhoso vale mais que mil palavras.

*"Happiness is only real when shared" – Christopher Johnson McCandless*

## RESUMO

HONESKO, Ana Paula. Longe do Sonho Americano: uma análise socioliterária de *Into the Wild*, de Jon Krakauer. 2018. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Letras – Português/Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

Neste trabalho, o objetivo principal é o de analisar, por um viés socioliterário, a ideologia do Sonho Americano em *Into the Wild*, do escritor e jornalista americano Jon Krakauer, que se caracteriza como uma biografia de Christopher Johnson McCandless (Alexander Supertramp ou Alex Supertramp), um jovem que abandonou tudo o que tinha e viajou ao Alasca em busca de autoconhecimento e libertação dos extremos da ideologia americana. Esta pesquisa levou em consideração os relatos de Krakauer a respeito entrevistas com conhecidos de Christopher e dos escritos encontrados junto ao seu corpo encontrado em um ônibus abandonado no Alasca, que funciona como uma metáfora irônica do destino do jovem. Foram importantíssimos para o desenvolvimento deste trabalho os escritos de Rosa Maria Baptista Amaral (2004), Daniel Boorstin (1962), Noam Chomsky (2017), Antônio Candido (2006), Denis Donoghue (1993), Pierre Melandri (2006), Terry Eagleton (1997) e Linda Hutcheon (2003), entre outros que fizeram parte da pesquisa e deram estruturação à análise do tema.

Consideramos que este trabalho poderia concluir, de certa forma, a ideia de como as pessoas são influenciadas pela ideologia do Sonho Americano, tanto buscando segui-lo ou fugindo dele, e no livro poderíamos ter perspectiva de que Christopher fora impulsionado a buscar uma nova perspectiva para sua vida na sociedade norte-americana, longe do Sonho Americano.

**Palavras-chave:** *Into the Wild*. Análise Socioliterária. Sonho Americano. Ideologia.

## ABSTRACT

HONESKO, Ana Paula. **Away from the American Dream: A Socio-literary Analysis of *Into the Wild***, by Jon Krakauer. 2018. 37 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Letras – Português/Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

In this work, the main objective is to analyze, through a socioliterary bias, the ideology of the American Dream in *Into the Wild*, by the American writer and journalist Jon Krakauer, which is characterized as a biography of Christopher Johnson McCandless (Alexander Supertramp or Alex Supertramp), a young man who abandoned everything he had and traveled to Alaska in search of self-knowledge and liberation from the extremes of American ideology. This research took into account Krakauer's reports about interviews with Christopher's acquaintances and the writings found next to his body found on an abandoned bus in Alaska that functions as an ironic metaphor for the fate of the young man. The writings of Rosa Maria Baptista Amaral (2004), Daniel Boorstin (1962), Noam Chomsky (2017), Antônio Candido (2006), Denis Donoghue (1993), Pierre Melandri (2006), Terry Eagleton (1997) and Linda Hutcheon (2003), among others who were part of the research and gave structure to the analysis of the theme.

We believe that this work could somehow conclude the idea of how people are influenced by the ideology of the American Dream, either seeking to follow it or fleeing it, and in the book, we might have perspective that Christopher had been driven to seek a new perspective for his life in American society, far from the American Dream.

**Keywords:** Into the Wild. Socio-literary. American Dream. Ideology. Christopher Johnson Mccandless.

**LISTA DE IMAGENS**

IMAGEM 1	24
IMAGEM 2	24
IMAGEM 3	30
IMAGEM 4	30
IMAGEM 5	32



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO 1: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O SONHO AMERICANO E SUA INTERRELAÇÃO COM <i>INTO THE WILD</i> .....	15
1.1 O Sonho Americano e sua Presença na Literatura, no Teatro e no Cinema .....	15
1.2 Christopher e sua Relação com o Sonho Americano .....	22
CAPÍTULO 2: ALASCA, A FELICIDADE SÓ É REAL QUANDO COMPARTILHADA .....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
REFERÊNCIAS .....	36

## INTRODUÇÃO

*“Por fecharem os olhos e dormirem,  
por consentirem em ser enganados pelas aparências,  
os homens em toda parte estabelecem e confirmam  
suas vidas diárias de rotina e hábito  
em cima de fundações puramente ilusórias”*

Henry David Thoreau<sup>1</sup> (1817-1862)

Em 1854, o escritor e filósofo transcendentalista estadunidense Henry David Thoreau publica seu livro *Walden ou A Vida nos Bosques* que descreve, de forma autobiográfica, a vida que teve nos bosques durante dois anos. De maneira extremamente natural, na floresta, ele construiu sua casa e todos os móveis necessários à vida doméstica, procurando provar que a vida simples, sem luxos, é muito possível. Desta maneira, ele pensou sobre uma nova visão para homens e mulheres, que enaltecia sua essência e não seus vínculos emocionais com bens materiais e de consumo. Já em sua época, durante o período do Romantismo, ele criticava os ideais do enriquecimento desenfreado e do desejo pelo sucesso sem limites da sociedade americana, indicando que a crítica à ideologia do Sonho Americano, iniciada antes mesmo da Declaração da Independência (1776), de Thomas Jefferson, começou há muito tempo, perdurando até os dias de hoje.

Em nossa contemporaneidade, um exemplo de crítica aos ideais projetados pelo Sonho Americano pode ser verificado na metáfora da viagem de Christopher Johnson McCandless, também conhecido como Alexander Supertramp ou Alex Supertramp. Este jovem abandonou seus bens materiais, depois de seu sucesso como aluno na Emory University, da Georgia, e rumou para o oeste dos Estados Unidos e depois para o Alasca, onde seu corpo foi encontrado, com fortes sinais de inanição, por um caçador, dentro de um ônibus abandonado na neve.

À luz de noções da ideologia do Sonho Americano e de sua crise discutida por Noam Chomsky e por outros filósofos, este Trabalho de Conclusão de Curso analisa alguns aspectos da trajetória de Christopher McCandless, narrados por Jon Krakauer, em seu livro *Into the Wild* (1996), que se caracteriza como uma biografia feita a partir de relatos de pessoas com as quais o jovem conviveu, ou que simplesmente passaram por sua vida, durante os dois anos de sua caminhada até o Alasca. Krakauer, também, levou em consideração os rascunhos do caderno de

---

<sup>1</sup> THOREAU, Henry David. *Walden ou A Vida nos Bosques*. 2007. p. 42.

anotações pessoais de Christopher (encontrado junto ao seu corpo no ônibus) e cartões postais que o jovem não conseguiu enviar. Neste sentido, ao longo da pesquisa, constatou-se que a viagem de Christopher representa sua crítica e fuga dos ideais do Sonho Americano. Além disto, verificou-se que o Alasca, um local inóspito e imensamente gelado, funcionaria como um tropo relacionável com o declínio dessa ideologia.

É importante ressaltar que esta pesquisa foi desenvolvida tomando como base uma biografia que, apesar de fundamentada em fatos reais, é um trabalho de ficção, uma vez que há a influência do autor em como relatar os fatos, através de figuras de linguagem e de suas próprias emoções, e as lembranças das pessoas entrevistadas, cujas informações podem ser questionadas. Entretanto, pela riqueza de detalhes, este pode ser um livro a nos nortear para entendermos melhor como se deu a experiência de Christopher.

Linda Hutcheon (2003) afirma que a metaficção historiográfica nos ajuda a compreender como se dá o trabalho de relatar um acontecimento e, possivelmente, transformá-lo em uma obra literária. Segundo Hutcheon (2003, p. 7), Roland Barthes e Michael Riffaterre (1984) definem a intertextualidade, histórica e literária, quando dizem que, esta

[...] substitui a relação autor-texto contestada por uma entre o leitor e o texto, que situa o locus do significado textual na história do próprio discurso. Uma obra literária não pode mais ser considerada original; se fosse, não poderia ter significado para o leitor. É apenas como parte dos discursos anteriores que qualquer texto deriva significado e significado.<sup>2 3</sup>

A intertextualidade nesse ponto, analisando uma biografia, acontece, pois a viagem de Christopher foi real e está sendo contada num livro. Contudo, o autor deixará suas marcas literárias e seu estilo. Nosso intuito não é questionar a veracidade de fatos. Não é parte de nosso objetivo duvidar do que está escrito ou não, uma vez que este não é um trabalho investigativo sobre a viagem de Christopher. Desta maneira, nossa análise levou em conta a presença da crítica ao

---

<sup>2</sup> [I]ntertextuality replaces the challenged author-text relationship with one between reader and text, one that situates the locus of textual meaning within the history of discourse itself. A literary work can actually no longer be considered original; if it were, it could have no meaning for its reader. It is only as part of prior discourses that any text derives meaning and significance." (HUTCHEON, 2003, p. 7).

<sup>3</sup> Todas as traduções diretas feitas do inglês ao português foram feitas por mim.

Sonho Americano e como o Alasca pode representar uma metáfora no livro de Krakauer.

Sendo assim, podemos fazer uma conexão entre a seguinte citação e nosso texto em análise, pois como Christopher não sobreviveu para relatar, ele mesmo, como a viagem e sua permanência no Alasca ocorreram, há situações questionáveis, como Hutcheon (2003, p. 10) observa, ao trazer exemplos de textos dessa categoria de metaficção historiográfica:

Patricia Waugh observa que a metaficção como *Matadouro 5* ou *A queima pública* 'sugere não apenas que escrever história é um ato ficcional, variando conceitualmente os eventos através da linguagem para formar um modelo de mundo, mas que a própria história é investida, como ficção, com inter-relação parcelas que parecem interagir independentemente do design humano'. A metaficção historiográfica é particularmente duplicada, assim, na sua inscrição de intertextos históricos e literários. Suas lembranças específicas e gerais das formas e conteúdos da escrita de história trabalham para familiarizar as estruturas narrativas estranhas (muito familiares) (como Hayden White argumentou ["The Historical Text," 49-50]), mas sua auto-reflexividade metafictional trabalha para tornar problemática qualquer familiarização. E a razão para a mesmice é que tanto mundos reais quanto imaginados vêm até nós por meio de seus relatos deles, isto é, através de seus rastros, seus textos.<sup>4</sup>

Sendo assim, tratando-se de uma metaficção "biográfica", nos termos de Hutcheon, não deve ser ignorado o fato de que pode haver influências do autor no texto. O leitor deverá ter o cuidado de questionar, mesmo que não haja descrito no texto nenhum fato fantasioso, mirabolante, caso seja a intenção, a veracidade do conteúdo, sem, obviamente, desqualificar o trabalho.

Além disto, no âmbito científico e acadêmico, o livro foi considerado para o processo de adaptação ao cinema pelo diretor e roteirista Sean Penn, em 2007, justamente na esteira de abordagens sociais que consideram a ampla distinção entre viver uma vida de luxo na cidade ou precária, desde que ela signifique a busca

---

<sup>4</sup> "Patricia Waugh notes that metafiction such as *Slaughterhouse-Five* or *The Public Burning* 'suggests not only that writing history is a fictional act, ranging events conceptually through language to form a world-model, but that history itself is invested, like fiction, with interrelating plots which appear to interact independently of human design'. Historiographic metafiction is particularly doubled, like this, in its inscribing of both historical and literary intertexts. Its specific and general recollections of the forms and contents of history writing work to familiarize the unfamiliar through (very familiar) narrative structures (as Hayden White has argued ["The Historical Text," 49-50]), but its metafictional selfreflexivity works to render problematic any such familiarization. And the reason for the sameness is that both real and imagined worlds come to us through their accounts of them, that is, through their traces, their texts." (HUTCHEON, 2003, p. 10).

pela liberdade. Sendo assim, de suma importância discutir o tema referente a como uma ideologia que ainda permeia nossa sociedade pode ter sido a chave para o episódio de partida de Christopher e como o local de escolha para seu ponto de chegada pode ser uma metáfora no que diz respeito à fuga de Chris da sociedade.

É essencial que discutamos em âmbito acadêmico os efeitos causados pela ideologia presente em nossa sociedade. Quando dizemos “nossa” é porque fazemos parte do mundo ocidental e de certa forma somos inclinados à cultura importada dos Estados Unidos. Debatendo esse assunto e tendo como base o livro *Into the Wild* para nos nortear diante da situação, a tentativa de demonstrar que essa ideologia afeta uma parcela da sociedade é possível.

Além do mais, é necessário que tenhamos em mente que existe uma forma de “escapar” das mazelas da sociedade lendo e buscando conhecimento sobre como ela age em nossas vidas, além de evidenciar que a literatura é uma forma de exibir toda essa corrupção que envolve nossas vidas.

Assim, o principal objetivo desta pesquisa é analisar como o Sonho Americano permeia o livro de Krakauer. Não que o livro incite à ideologia, mas toda a percepção que temos de Christopher é a de que ele lutava contra o sistema, à sua maneira, considerando o entendimento de que o livro de Krakauer se inscreve como uma biografia elaborada através de um relato de viagem. Para tanto, no primeiro capítulo, serão apresentadas noções da ideologia do Sonho Americano e como ela age na vida de Christopher, impulsionando-o a deixar a vida urbana para viver a liberdade longe dela. Além disto, no segundo capítulo, será apresentada uma análise da busca de Christopher pelo Alasca. Metaforicamente, sua jornada pode ser a do autoconhecimento, um escape do padrão de vida americano imposto por todos ao seu redor – sua família, a universidade e a mídia. O desapego material é o maior indício de que o jovem ia ao oposto do que era pregado pela sociedade, uma vez que demonstra sua rebeldia contra o sistema cada vez mais capitalista e elitista, na qual os títulos, o *status* social e o dinheiro são o que mais importa quando se fala em poder.

Para a realização deste trabalho, foram considerados *Um Réquiem para o Sonho Americano* (2017), de Noam Chomsky, em que o filósofo expõe os dez princípios da concentração de riqueza e poder; *America in Theory* (1993), em que Denis Donoghue expõe o estilo de vida americano, e como americanos pensam sobre a ideologia dentro da qual estão “presos”; além da *História dos Estados*

*Unidos desde 1865* (2006), de Pierre Melandri, que escreveu sobre a história dos EUA, esclarecendo pontos relevantes sobre a cultura e a ideologia do país. Sem deixar de citar Linda Hutcheon em seu livro *Historiographic Metafiction - Parody and the Intertextuality of History* que trata sobre como textos literários podem ser historiográficos, além de fazerem parte da literatura, trazendo consigo fatos históricos, possivelmente reais, numa nomenclatura literária se assim o cabe.

Finalmente, *Into the Wild* mostra a jornada de um jovem que optou por abandonar o Sonho Americano e viver de uma forma diferente da qual cresceu. Christopher preferiu não viver um casamento de aparências, que seus próprios pais tiveram, nem uma vida vazia em sua carreira. Considera-se ainda importante debater esse tema atualmente, mais de vinte anos depois do ocorrido, pois ainda é atual a discussão sobre como a sociedade influencia os atos e escolhas das pessoas, baseando-se em menosprezar a essência do ser humano e em transformar as pessoas em seres sem voz, focados apenas em bens materiais. Quanto a sua imagem vale para a sociedade é a ideia que Christopher mais refutou. Buscou a vida mais simples que poderia ter, não seguindo os planos de seus pais, que gostariam que ele se graduasse em Direito. O dinheiro que tinha, ele doou para a caridade, abandonou seu carro e queimou as últimas notas de dólar em seu bolso, iniciando uma longa jornada, passando por inúmeros estados para, finalmente, chegar ao Alasca, local que pode representar tudo o que o jovem mais almejava: simplicidade e felicidade verdadeira.

## CAPÍTULO 1: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O SONHO AMERICANO E SOBRE SUA INTERRELAÇÃO COM *INTO THE WILD*

Os Estados Unidos foram frequentemente representados como a “terra das oportunidades”, um país onde qualquer pessoa que esteja preparada e disposta para o trabalho pode ser bem-sucedida. Os estadunidenses têm orgulho desta ideia que está densamente enraizada em sua cultura e valorizam o trabalho duro, a determinação e a habilidade de ser bem-sucedido e fazer dinheiro. Esta visão que todos temos da América é chamada de Sonho Americano. “Sonho”, afinal, é um bom nome para isso, pois sugere algo maravilhoso que as pessoas podem sonhar e esperar, mas também sugere algo que pode ser irreal ou impossível de atingir, o que faz com que muitos se tornem extremamente críticos dessa ideologia.

Christopher McCandless, de forma muito similar ao Romântico Thoreau (1817-1862), atreveu-se a viver uma vida livre das restrições da sociedade voltada ao consumo e às tentativas de enriquecimento desenfreado. Sua ação de dispor de bens materiais e viajar para o oeste e depois para o Alasca indica a manifestação de uma crítica à ideologia do Sonho Americano, ou seja, à obtenção de bens materiais e à ascensão da classe média da sociedade, baseada em meritocracia e endividamento da parte mais pobre da população que, de forma exagerada, deseja renome e *status* social. Diante desta constatação, meu objetivo neste capítulo é o de traçar, brevemente, um panorama geral do Sonho Americano e do que ele representa para os americanos, também tomando como base a leitura de *Into the Wild*.

### 1.1 O Sonho Americano e sua presença na Literatura, no Teatro e no Cinema

O sonho americano não começou simplesmente como um costume local ou um pequeno acordo entre vizinhos, essa ideologia surgiu mais precisamente na própria Declaração de Independência dos Estados Unidos da América, por Thomas Jefferson ao declarar que os Estados Unidos,

como ESTADOS LIVRES E INDEPENDENTES, têm inteiro poder para declarar a guerra, concluir a paz, contrair alianças, estabelecer comércio e praticar todos os actos e acções a que têm direito os estados

independentes. E em apoio desta declaração, plenos de firme confiança na protecção da Divina Providência, empenhamos mutuamente nossas vidas, nossas fortunas e nossa sagrada honra. (JEFFERSON, 1776)

Principalmente quando utilizam os termos “empenhamos mutuamente nossas vidas, nossas fortunas e nossa sagrada honra” dão-se os primeiros passos que hoje conhecemos como o Sonho Americano, a ideologia que, possivelmente, transformou a América do Norte e mais precisamente os Estados Unidos.

O escritor Denis Donoghue o qual conceitua em uma de duas obras o que é o sonho americano por si só, além do que ele representa ao cidadão envolto nessa rede, quando redige as seguintes palavras em seu livro intitulado *America in Theory*:

O Sonho Americano é a crença de que a América é a terra da oportunidade, onde todos têm liberdade e igualdade de possibilidades para colocar suas habilidades em prática na busca da realização, que muito tem de material: dinheiro, posição, fama, status. Obviamente que para cada pessoa o Sonho Americano ganha contornos particulares, mas na sua base estão os conceitos do que se poderia chamar ‘o jeito tipicamente americano de ser’ (ou a formação discursiva mais amplamente disseminada): a liberdade de ação e o individualismo, intimamente ligados com o conceito de darwinismo social, no qual é cada um por si e onde vence o melhor, a crença de que na América há a igualdade de direitos e oportunidades para todos, tudo isso ‘temperado’ pela crença no Destino Manifesto, ou seja, de que a América ‘fora escolhida como tendo uma missão redentora não somente em seu próprio território, mas também no resto do mundo’. (DONOGHUE, p. 258, 1993).

É compreensível que o Sonho Americano seja a esperança que se tinha em relação aos Estados Unidos e uma grande esperança na melhora da vida urbana. Dentro da história dos Estados Unidos, o auge do desenvolvimento do Sonho Americano precede a Segunda Guerra Mundial, quando em 1929, devido à quebra da bolsa de valores de Nova York, começa a enfrentar grandes desafios. Após aquela guerra, durante o restabelecimento dos Estados Unidos como uma grande potência econômica, o Sonho Americano também começa a se recompor, para esboçar um novo auge durante o pós-guerra, em torno de 1950, quando os Estados Unidos precisavam de uma recuperação econômica devido aos gastos exorbitantes que fizeram. Logo, a industrialização e a produção em massa de eletrodomésticos, carros, cosméticos, roupas e afins tornaram-se as principais fontes financeiras. Um dos ápices da economia estadunidense aconteceu na cidade de Detroit, ou seja,

[d]as últimas décadas do século XIX até os anos 50, Detroit prosperou como poucas cidades nos EUA. As mansões ali erguidas por milionários do ramo



da indústria lhe valeram o apelido de Paris do Oeste. Foi uma das primeiras a receber eletricidade – e por Thomas Edison. Aproveitando-se do fato de que em Detroit já operava uma bem-sucedida indústria de carruagens, Henry Ford a escolheu para instalar a primeira fábrica de carros. Foi seguido por outros pioneiros, como os irmãos Dodge e Walter Chrysler. Em seu apogeu nos anos 50, Detroit era a quarta maior cidade dos EUA – e uma das mais ricas. (SCHWARTSMAN, 2010).

Desta maneira, era necessário que a população consumisse o que era fabricado no país e assim elevasse os níveis de venda e, conseqüentemente, o lucro.

A propaganda foi a arma mais utilizada pelo governo e pelas empresas para alcançar os estadunidenses e fazer com que o Sonho Americano fosse o sonho de todos, usando de várias facetas para alcançar um grande número de pessoas que pudessem comprar o que era ofertado nas rádios, programas de TV e filmes, entre outros. O cinema traz consigo esse ideal americano até hoje, não apenas influenciando o uso de artigos materiais, mas também ditando o padrão de beleza, que mostrava, na década de 1950, lindíssimas mulheres loiras e esguias, homens fortes e viris, exemplos que podem ser encontrados em filmes como *O Pecado Mora ao Lado* (Billy Wilder, 1955), *Um Corpo Que Cai* (Alfred Hitchcock, 1958), e *Ama-me com Ternura* (Robert D. Webb, 1956). Essas características ainda podem ser observadas ao longo de toda história do cinema americano, como em *O Poderoso Chefão* (Francis Ford Coppola, 1972) e *Beleza Americana* (Sam Mendes, 1999), dentre tantos outros que vendem a imagem de poder, bens materiais e padrão estético.

Podemos observar grande parte dessa ideologia também na literatura e no teatro, com textos do começo do século XX, como “Um Diamante do Tamanho do Ritz” (1922) e *O Grande Gatsby* (1925), de Francis Scott Fitzgerald, em *Longa Jornada Noite Adentro* (1941), de Eugene O’Neill ou *Quem tem Medo de Virginia Woolf* (1962), de Edward Albee – textos que trazem uma boa ideia do que seria uma luxuosa vida americana, no auge dos anos 20, por F. Scott Fitzgerald, ou que criticam a ilusão do Sonho Americano, através do estilo de vida dos americanos, por tantos outros autores.

A visão da vida perfeita que reúne o sucesso financeiro, social, intelectual e familiar acaba sendo representada em um grande cenário ilusório, onde o poder de compra dos funcionários de fábricas elevou-se – uma vez que passaram a ganhar melhores salários – mas, comprando mais, gastariam mais e acabariam se

endividando e, endividados, iriam aos bancos por conta dos empréstimos. Assim, deveriam aos bancos que abririam crédito aos trabalhadores e o círculo das dívidas continuaria em um *ad eternum*, pois com crédito a família continuaria comprando e parcelando sua dívida com o banco infinitamente. O Sonho Americano de ter uma casa, o carro do ano, os eletrodomésticos mais modernos para época e o filho na universidade aconteceram, mas o preço foi, certamente, muito alto. Como aponta Daniel Boorstin (1962, p. 241-242),

[u]m sonho é uma visão ou uma aspiração que nós podemos comparar com a realidade. [...] O sonho americano era a maneira mais precisa de descrever as esperanças dos homens na América. [...] Se a América era [...] uma terra dos sonhos que se tornam realidade, era porque gerações sofreram para descobrir que o sonho estava aqui para ser alcançado e não para ser vivido.<sup>5</sup>

Dentre tantas obras as quais fazem referência à ideologia, em sentido pejorativo, podemos citar que *A Morte de um Caixeiro Viajante* – peça teatral escrita em 1949, por Arthur Miller – é uma das mais relevantes nesse quesito por tratar da falência dos bens econômicos do personagem Willy Loman, além de uma crise moral, pois, ao encontrar-se desempregado, este personagem ainda continua orgulhoso, dispensando a ajuda de seu vizinho e amigo Charlie. Willy sofre com problemas familiares também, que culmina com seu suicídio, considerado um ato de extrema fraqueza, em uma sociedade que preza pelas atitudes de coragem e valentia, sendo o suicídio um ato de frustração e covardia.

Outra obra que pode encaixar-se no contexto é o filme *Little Miss Sunshine*, dos diretores Jonathan Dayton e Valerie Faris, de 2006 Nele é retratado como a indústria da beleza pode impor até sobre crianças a pressão dos padrões de beleza, em desfiles de mini-misses, fazendo-as transformarem-se em pessoas preocupadas com o sentido estético em exagero, adultizando-as de forma abusiva e mostrando como pode ser doentio o culto à beleza que está presente em nossa sociedade, além de representar como a família lida com as questões pessoais, sendo que a convivência familiar não se desenvolve de forma amigável entre os pais da família e o filho mais velho, e entre o pai e o cunhado que é homossexual.

---

<sup>5</sup> “A dream is a vision or an aspiration to which we can compare reality. [...] The American Dream was the most accurate way of describing the hopes of men in America. [...] If America was [...] a land of dreams -come-true, that was so because generations suffered to discover that the dream was here to be reached for and not to be lived in” (BOORSTIN, 1962, p. 241-242).

Podemos perceber com clareza que essas obras, assim como o livro de análise fazem um diálogo entre a literatura e a crítica social. Em *Into the Wild*, Christopher representa o jovem insatisfeito com a sociedade, com o culto ao belo e o amor ao dinheiro e a outros bens materiais. Ele representa uma porção da população que se encontra exausta da ignorância do senso comum americano, e sua tentativa de desligar-se disso foi ir para o Alasca.

O Sonho Americano disfarça a desigualdade que se instaurou no país. O estilo de vida nada mais é do que uma ilusão de que as coisas podem funcionar. A ideologia do Sonho Americano serve para fazer de conta que existe igualdade, dizer que o operário pode ter o mesmo que o patrão, se conseguir esforçar-se o bastante.

Em *Réquiem para o Sonho Americano* (2017), Noam Chomsky argumenta que existem 10 princípios para concentração de riquezas e que esses princípios são seguidos pelos detentores do poder e do dinheiro em nossa sociedade. Neste sentido, o sistema reduz a democracia, molda a ideologia, redesenha a economia, desloca o fardo de sustentar a sociedade para os pobres e classe média, ataca a solidariedade, controla os reguladores, controla as eleições, mantém a ralé na linha, fabrica consensos e cria consumidores e marginaliza a população (CHOMSKY, 2017). Todas essas metas são elaboradas e colocadas em prática pelos governos, grandes empresas e multimilionários que detêm maior parte da riqueza do mundo em suas mãos.

A respeito deste enfoque, Chomsky (2017) observa que a sociedade se desenvolveu com

um crescimento bastante igualitário, de modo que o quinto mais baixo da população estava melhorando tanto quanto o quinto superior. E houve algumas medidas do estado de bem-estar, que melhoraram a vida de grande parte da população. Era possível, por exemplo, que um trabalhador negro conseguisse um emprego decente em uma fábrica de automóveis, comprasse uma casa, comprasse um carro, fizesse com que seus filhos estudassem e assim por diante. O mesmo aconteceu em todo o tabuleiro. Quando os EUA eram principalmente um centro de produção, tinham que se preocupar com seus próprios consumidores – aqui. Com fama, Henry Ford aumentou o salário de seus trabalhadores para poder comprar carros.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> “It was pretty egalitarian growth, so the lowest fifth of the population was improving about as much as the upper fifth. And there were some welfare state measures, which improved life for much of the population. It was, for example, possible for a black worker to get a decent job in an auto plant, buy a home, get a car, have his children go to school, and so on. The same was true across the board. When the US was primarily a manufacturing center, it had to be concerned with its own consumers — here. Famously, Henry Ford raised the salary of his workers so they’d be able to buy cars” (CHOMSKY, 2017).

É possível identificar, por meio dessa perspectiva marxista que houve uma real intenção de que o funcionário assalariado tivesse oportunidade de compra, mas compraria do próprio chefe e isso lhe devolveria o dinheiro gasto com o salário. A intenção não era fazer a vida do cidadão trabalhador mais fácil, era fazer a vida do padrão mais rentável. É de conhecimento geral que os Estados Unidos têm grandes redes de lojas de departamento, nas quais compra-se desde papel higiênico até um aparelho de televisão. Todo esse sistema de compras serve não somente para aumentar a economia, mas para manter a população alienada. Segundo Chomsky (2017),

[a]gora, esses são conceitos de elite que correm pela história. A indústria da publicidade explodiu com esse objetivo – fabricar consumidores, aprisionar pessoas no consumismo – e isso é feito com grande sofisticação. O ideal é o que você realmente vê hoje, onde, digamos, as adolescentes, se tiverem uma tarde livre de sábado, andarão no shopping, não na biblioteca ou em outro lugar. As crianças vão sentir: ‘Eu não consegui nada na minha vida a menos que eu tenha outro aparelho eletrônico’. A ideia é tentar controlar todos, para transformar toda a sociedade no sistema perfeito. O sistema perfeito seria uma sociedade baseada em uma díade – um par. O par é você e seu aparelho de televisão, ou talvez agora você, seu iPhone e a Internet, e isso lhe mostra qual seria a vida adequada – que tipos de engenhocas você deveria ter, o que deveria fazer pela sua saúde. Então você gasta seu tempo e esforço ganhando aquelas coisas que você não precisa ou não quer, talvez você jogue fora, mas isso é a medida de uma vida decente.<sup>7</sup>

Quando a população segue o que a mídia dita como verdade absoluta, como o que vê na propaganda e, de uma forma progressiva, as coisas que possuímos são mais importantes do que quem somos intelectualmente. Teremos como reflexo uma sociedade cada vez mais consumista e focada no dinheiro. Há uma grande possibilidade de que as coisas que as pessoas possuem acabem as possuindo, como se o celular, o qual é trocado anualmente, fosse o que lhe define como moderno, atualizado, ou importante no seu círculo social, e não quantos livros leu

---

<sup>7</sup> “Now these are elite concepts that run right through history. The advertising industry just exploded with this goal—fabricating consumers, trapping people into consumerism—and it’s done with great sophistication. The ideal is what you actually see today where, let’s say, teenage girls if they have a free Saturday afternoon will go walking in the shopping mall, not to the library or somewhere else. Kids will feel, “I haven’t achieved anything in my life unless I have another electronic gadget. The idea is to try to control everyone, to turn the whole society into the perfect system. The perfect system would be a society based on a dyad—a pair. The pair is you and your television set, or maybe now you and your iPhone and the Internet, and that presents you with what the proper life would be—what kinds of gadgets you should have, what you should do for your health. Then you spend your time and effort gaining those things that you don’t need or don’t want—maybe you’ll throw them away—but that’s the measure of a decent life.” (CHOMSKY, 2017).

durante o ano, ou quantos amigos fez em interações sociais e em tempo real durante o ano. Infelizmente, isso já faz parte da nossa realidade. Quando temos marcas que definem as pessoas (como Chomsky lembra do iPhone da Apple), a sociedade já se encontra em uma situação de total futilidade por rotular pessoas pelo que elas possuem e não pelo que são em sua essência.

Nos dias de hoje, o Sonho Americano continua o mesmo em seu cerne, desenvolveu-se para acompanhar os avanços tecnológicos. Ainda é a propaganda que move o mercado – a ilusão de que o produto ou a marca sejam importantes ao ponto de se tornarem um objetivo na vida de algumas pessoas. Isso pode ser analisado como a engrenagem que movimenta a tudo e a todos, pois a propaganda faz com que o produto seja desejado, logo, o desejo torna-se uma necessidade devido ao enorme apelo que recebe. Então, o cidadão de 1950 ou 1960 e o de hoje em dia vê uma necessidade de obter coisas e, assim, fazer parte dessa sociedade. Se ele não compactua com alguns dos princípios que fazem parte da sociedade, a qual tem como prioridade, dar valor aos que possuem coisas e são os objetos que possuem, não segue as determinações do mercado e é simplesmente excluído, deixado de lado.

O historiador Nicolau Sevcenko (2001, p. 64) faz uma fala sobre essa expansão e sobre o que isso representa acerca daquilo que é consumido, dizendo que as pessoas são aquilo que consomem. Em outras palavras, sua visibilidade social e seu poder de sedução são diretamente proporcionais ao seu poder de compra.

Entende-se que a partir do momento que o cidadão atinge seu mérito, possuindo bens materiais, é quando ele consegue obter sucesso ou aceitação. Logo, encaixa-se em uma esfera social que o abraça de acordo com o que ele possui. E isso foi o que aconteceu nos Estados Unidos, o que ainda acontece e o que, de certa forma, chamou a atenção do mundo todo, fazendo com que esse comportamento se repetisse fora da América do Norte.

## 1.2 Christopher e sua Relação com o Sonho Americano

Em *Into the Wild*, Krakauer indica que entre os pertences de Christopher foram encontrados livros e anotações de frases de *The Call of the Wild* (1903) e

*White Fang* (1906), de Jack London, escritor naturalista estadunidense de grande renome e de Thoreau. Em *Caninos Brancos* (*White Fang*), publicado pela primeira vez em 1906, o narrador acentua:

Para a vida havia limitações e restrições. Essas limitações e restrições eram leis. Obedecê-las era escapar da dor e contribuir para a felicidade. Ele não pensava sobre a questão da maneira humana. Apenas classificava as coisas que doíam e as coisas que não doíam. E depois dessa classificação evitava as coisas que doíam, as restrições e os limites, para desfrutar as satisfações e remunerações da vida. (LONDON, 2002, p. 39)

No trecho, London faz referência à forma com a qual o homem aprende a viver em sociedade, do modo mais duro, sofrendo, com dor, dor de errar e ter que fazer sua jornada novamente em busca de aceitação e de ascensão, entre outras. Em *Caninos Brancos*, o escritor descreve a jornada de um lobo (mestiço de cachorro – um animal selvagem), através da perspectiva lupina, desde quando nasceu, passou por diversos donos até que fosse domesticado. Não se adaptando à domesticação, retorna à sua natureza selvagem. Neste romance que é um ícone do naturalismo americano, há um paralelo entre o homem civilizado e o homem natural, o animal domesticado e o animal selvagem, durante a corrida do ouro no final do século XIX, no Alasca.

Outro escrito que pode ter inspirado sua crítica do comportamento social dos americanos pode ter sido *Walden, ou A Vida nos Bosques* (1854), de Thoreau. Como já comentado, este autor conta sua história ao tentar desvencilhar-se de tudo o que era produzido pela civilização, partindo para a floresta, construindo sua própria casa sem a influência externa. Vivendo isolado por alguns meses, Thoreau não se adaptou como gostaria e resolveu voltar à cidade, dando continuidade ao seu ensaio transcendentalista, que começou enquanto estava na floresta. Acabou por criticar o ser humano de sua época que sente uma grande dificuldade em se desvincular dos hábitos e facilidades encontradas na cidade, sem poder, ele mesmo, retornar à natureza.

Tendo em vista que o tema “volta à natureza” geralmente apresenta uma crítica aos hábitos da sociedade, podemos verificar que Christopher, através de suas anotações e de seus encontros com diversas pessoas, também, analisava e criticava a própria família, seus pais muito bem-sucedidos no ramo que escolheram e que

davam ao dinheiro maior importância, ficando contrariado quando lhe disseram que o presenteariam com um carro novo depois da graduação.

Kraukauer coloca um trecho de uma carta que Christopher enviou à irmã Carine, dizendo que já tinha o melhor carro do mundo, e isso não quer dizer apenas sobre o carro, é exposto, em secundidade, a forma com a qual ele pensava sobre bens materiais no geral:

Eu não consigo acreditar que eles tentaram comprar um carro para mim, ou que eles pensaram que eu os deixaria pagar pelo meu curso de Direito se eu fosse fazê-lo... Eu disse a eles milhões de vezes que eu tenho o melhor carro do mundo, um carro que atravessou o continente de Miami ao Alasca, que, em todas essas milhares de milhas nunca me deu um único problema.<sup>8</sup> (KRAKAUER, 2015, p. 21).

Depois de graduar-se na Emory, especializando-se em História e Antropologia, restavam-lhe em torno de 24 mil dólares do fundo universitário que tinha, dinheiro que Christopher doou para uma instituição de caridade, sem avisar a família. Saiu do apartamento onde morava – pediu ao serviço de correio que não lhe entregasse mais correspondências e as segurasse até o mês de agosto. Em junho partiu para sua viagem, indo ao encontro de seu “eu” interior, em uma viagem solitária.

Com os relatos contidos no livro, podemos mensurar que ele gostaria de ausentar-se por um bom tempo, estando longe de sua família e círculo social, dá-se a entender que a sua viagem era uma busca pela essência a qual a ideologia tenta apagar, moldando as pessoas como coisas e transformando-as em seres iguais, com as mesmas casas, carros e famílias.

Segundo registros, ele possuía algumas peças de roupa, um guia de plantas comestíveis do Alasca, alguns livros de literatura, sua câmera fotográfica e seu caderno de anotações. Conseguiu seguir de carro até *Lake Mead National Recreation Area* onde ignorou os avisos de inundações rápidas – em inglês *flash floods* – que poderiam ocorrer e dirigiu parque adentro. Durante a madrugada houve uma enchente e por sorte Christopher estava dentro do carro que no outro dia não tinha mais chances de continuar rodando devido aos estragos causados pela água.

---

<sup>8</sup> “I can’t believe they’d try and buy me a car, or they think I’d let them pay for my law school if I was going to go... I’ve told them a million times that I have the best car in the world, a car that was spanned the continent from Miami to Alaska, that has in all those thousands of miles not given me a single problem” (KRAKAUER, 2015, p. 21).

Decidido a continuar, deixou o carro onde estava, arrancou as placas e as escondeu junto com um rifle e outros pertences na esperança de um dia voltar e recuperá-los, queimou seus documentos e alguns dólares que restavam. Krakauer (2015, p. 29) comenta que

[n]ós sabemos de tudo isto porque McCandless documentou a queima de seu dinheiro e a maioria dos eventos que seguiram em um diário com fotografias que ele, mais tarde, deixaria com Wayne Westerberg para cuidar dele antes de partir para o Alasca.<sup>9</sup>

A queima dos documentos pode representar o abandono de sua identidade anterior para dar espaço a uma nova, sendo então uma quebra de quem ele era para quem ele se tornou com essa viagem, além de que, como é citado no livro, não era de seu interesse que sua família o localizasse com facilidade. O ponto chave dessa questão seria mesmo sua desistência da vida anterior, do seu “eu” passado para um “eu” futuro, fruto dessa viagem de descobrimento interior.

Ele adotou o nome Alexander Supertramp – nome com o qual se apresentava àqueles que conhecia em seu caminho. “*Tramp*” significa “vagabundo” em inglês, mas o nome parece ser uma homenagem à banda de rock britânica. De qualquer forma, Christopher estava determinado em continuar com sua jornada, desfazendo-se de suas raízes em busca de sua liberdade.



IMAGEM 1 E 2 - Fotografias de Christopher McCandless em *Lake Mead National Recreation Area*, com seu carro, um Datsun B210 de 1982, segundo registros do próprio Christopher, essa foto foi tirada com sua câmera em 6 de junho de 1990.

Fonte: Google Imagens.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> “We know all of this because McCandless documented the burning of his money and most of the events that followed in a journal-snapshot album he would later leave with Wayne Westerberg for safekeeping before departing to Alaska” (KRAKAUER, 2015, p. 29).

<sup>10</sup> IMAGEM 1 e 2. Disponível em <<https://www.google.com.br/search?q=christopher+mccandless+>



Em um trecho do livro, o autor comenta que Chris havia enviado uma carta a um casal de amigos que fez na Califórnia. Nela havia desenhado um mapa do local onde estava e, em uma conversa entre Bob, seu amigo, e Krakauer, Christopher diz que estava cansado de Bullhead – um vilarejo no qual permaneceu por cerca de dois meses – pois havia conseguido um emprego para poder alimentar-se, mas estava cansado de ter de bater ponto e chegar e sair no horário, cansado das “pessoas de plástico” com quem trabalhava e decidiu sair da cidade (KRAKAUER, 2015, p. 43).

Ao nos depararmos com essa situação, podemos compreender que Christopher buscava sua essência e não a aparência de tudo. Voltando a debater como a sociedade faz seu papel de deteriorar o ser humano, Christopher encontrara-se em uma situação na qual não estava satisfeito – seguir as normas e padrões de uma sociedade capitalista não o representava. O trabalho por si só é uma forma de alienação, a qual a ideologia do Sonho Americano exerce imperceptivelmente. As pessoas são de “plástico”, como Chris disse, possivelmente, porque sua imagem e a publicidade são fundamentais para elas, sendo que por trás de todo o esforço de um dia trabalhado, essas mesmas pessoas ainda esperam realizar todas as promessas que a ideologia financia em suas mentes.

Por esses motivos ele deixou Bullhead, como saiu de Atlanta. Ele estava em busca de uma vida plena, longe das influências burguesas e do poder. Trabalhar para ter dinheiro não era seu objetivo de estar em conformidade com um padrão vestuário para o trabalho não fazia parte do modo de vida que queria para si. A perspectiva de Christopher sobre ter bens era de que esses bens possuíam as pessoas.

Um outro exemplo do qual podemos perceber que Christopher estava com sua ideia apontada para o lado oposto do que a sociedade vinha pregando foi quando conheceu Franz, um militar aposentado que vivia sozinho em Salton City, na Califórnia, que o ajudou com carona e comida. Christopher começou a frequentar sua casa e ajudá-lo com seus trabalhos em couro. Segundo Franz, em relato fornecido a Krakauer, o jovem lhe disse que deveria parar com a vida que levava, vender suas coisas e viajar, desprender-se da comodidade e viver na estrada (KRAKAUER, 2015, p. 54).

A sociedade norte americana, em si, é repleta de moralidade. Uma das faces é fazer com que tudo torne-se comodidade. Sendo assim, ao analisar esse relato podemos encontrar um desejo de Chris em não repetir os atos de muitos nos Estados Unidos. Ao demonstrar claramente a sua insatisfação com a situação do amigo Franz, é posta em cheque a percepção de vida a qual Franz tinha, seus conceitos foram postos em avaliação e sua “vida de aposentado” também, devemos ressaltar que Chris desejava que seu amigo abrisse os horizontes para o que a realidade poderia proporcionar. Isso tudo pode relacionar-se com a situação de conhecer novos ambientes, novas pessoas, viver novas experiências, indo na via contrária do que se pensa sobre a terceira idade e sobre a sua impotência em relação ao novo, ao descobrimento de novas perspectivas.

Finalizando este capítulo, devemos levar em consideração que Christopher era um expoente em sua geração, não se alienando ao pressuposto de felicidade, carreira e estabilidade. Ele foi ao encontro de sua essência como ser humano, fugindo da irracionalidade perpetuada pela ideologia predominante nos Estados Unidos a qual era disseminada pelo governo e pelas grandes empresas.

## 2. CAPÍTULO II: ALASCA, A FELICIDADE SÓ É REAL QUANDO COMPARTILHADA

ANCHORAGE, Sep. 12 (ap) - Last Sunday a young hiker, stranded by an injury, was found dead at a remote camp in the Alaskan interior. No one is yet certain who he was. But, his diary and two notes found at the camp tell a wrenching story of his desperate and progressively futile efforts to survive. [...]  
THE NEW YORK TIMES  
SEPTEMBER 13, 1992

Muitos foram os escritores que utilizaram o Alasca como plano de fundo em suas obras e muito ainda se discute sobre as inúmeras planícies e montanhas nevadas do local, os seus desafios e mistérios. Muitos foram os *freethinkers* que se aventuraram em busca de uma resposta para os inúmeros questionamentos sobre a sociedade, a vida e sobre o que é estar presente nessa sociedade. Infelizmente, poucos foram os aventureiros que viveram para contar qual foi a resposta para suas indagações.

Em nossa obra em análise o autor traz outro exemplo de um jovem que foi até o Alasca para tentar a vida de uma forma diferenciada, contra os princípios delineados pela sociedade, vivendo isolado, sem contato com muitas pessoas, sem muitas ferramentas, vivendo do que seria possível obter da natureza. Essa pessoa era Gene Rosellini, que era primo de um ex-governador do estado de Washington, Albert Rosellini. Gene era conhecido pelos locais como *Mayor of Hippie Cave*, um entusiasta em antropologia, história, filosofia e linguística. Partiu para o Alasca em busca de um experimento antropológico e resolveu dedicar sua vida a isso. Buscou viver com o que tinha de mais primitivo para se defender e sobreviver, fazendo armas com suas próprias mãos e buscando saber se o ser humano era capaz de viver como os antepassados conseguiram antes dos avanços da tecnologia. Estava convencido que os seres humanos se desenvolveram progressivamente para um ser inferior e ele acreditava que estando o mais próximo das raízes mais primitivas seria um grande passo para evoluir espiritual e humanamente (KRAKAUER, p. 73, 74, 2015). Infelizmente não foi possível saber qual o resultado do experimento de Rosellini, ele foi encontrado morto – com um punhal em seu coração – em novembro de 1991 e possivelmente tenha cometido suicídio.

O Alasca, em si, pode ser a resposta do nosso enigma para compreendermos porque Christopher fugiu da vida que levava e foi até o 49º estado do país. Como foi retratado anteriormente, o local fora citado na literatura por diversas vezes, e esse fascínio pelo lugar faz com que seja, por muitas vezes, lembrado nos livros como um local inóspito, selvagem e por algumas vezes hostil.

Uma das vias de análise deste trabalho é por analogia compreender o que o Alasca representa além de ser um dos locais mais frios e inóspitos, pode ser feita uma metáfora em torno do Alasca, sendo ele a representação de um local puro, não corrompido pela ideologia do Sonho Americano, pois lá a natureza seria a dona da razão e do poder o qual rege a vida, e não o dinheiro. Por si só, a imensidão gelada não atrai pelo frio, mas pela sensação de desprendimento das entranhas capitalistas. É no Alasca que o Christopher encontrou sua natureza. A força humana não consegue a dominar, a natureza é predominante.

Na jornada de Chris, a ida para o Alasca seria ir para um refúgio no qual ele estaria livre de sua crise existencial com a sociedade. Sendo assim, possível encontrar-se com sua própria natureza, agindo e vivendo de uma forma não corrupta, sem influências externas.

Primeiramente, devemos definir o que seria uma metáfora. Sobre ela, pode ser declarado o seguinte:

É precisamente a vertente cognitiva da metáfora que a instaura como um fenômeno plural e que a ciência pretende entender. A valorização da ligação intrínseca da metáfora com o pensamento em detrimento de uma concepção como ornamento e, por conseguinte, como um mecanismo retórico usado na comunicação e instanciado pela linguagem, impõe-se na investigação. O pressuposto de que a metáfora é uma transferência ou projeção mental, que expressa a forma como o homem pensa, raciocina e imagina, no seu dia-a-dia, (Gibbs, 1994, 1998; Johnson, 1987; Kövecses, 1999; Lakoff, 1987; Lakoff & Johnson, 1980; Steen, 1999; Sweetser, 1990; Turner, 1998) tem estado no centro dos debates, provocando polêmicas e controvérsias. (AMARAL, 2004, p. 214)

Sendo assim, podemos compreender que a metáfora é mais uma ferramenta de compreensão do texto literário, além de fazer parte dele. Quando em *Into the Wild* o autor cita as várias vezes que Christopher mencionava sua ida ao Alasca não era simplesmente pela viagem, ele tinha consigo o intuito de buscar uma virtude perdida e finalmente encontrá-la. O local de fuga dele não fazia parte de seu cotidiano físico, mas sim mental, por meio das influências literárias que teve. No Alasca frio, remoto e não influenciado pela sociedade, Christopher encontraria seu elo perdido com a

simplicidade de vida e com a tranquilidade. Credita-se ao Alasca a imagem de não civilizado, pois a vida nos locais mais remotos do estado é de certa forma não atingida pela sociedade americana dos grandes centros. Assim, este local representaria um local mais puro, no sentido de simplicidade, não tendo as mesmas comodidades da vida caótica de um centro urbano.

Como explica Antônio Candido em *Estudo Analítico do Poema*, a metáfora é um tipo especial de imagem,

[e]la se baseia na analogia, isto é, na possibilidade de estabelecer uma semelhança mental, e, portanto, uma relação subjetiva, entre objetos diferentes, abstraindo-se os elementos particulares para salientar o elemento geral, que assegura a correlação. Mais radical que a imagem, suprime o elemento comparativo e opera uma transfusão de sentido entre objeto e objeto. (CANDIDO, p. 136, 2006)

Os ideais de Chris, segundo registros, eram puros e simples como o Alasca. Se refletirmos, o branco que toma conta das paisagens do estado pode ser visto como a paz e tranquilidade que Christopher buscara, sendo um local tão inóspito como a ausência da ganância humana predominante nos grandes centros. Ele é o oposto da cidade e propicia o oposto dela também. A fluidez com a qual se vive num grande centro é extremamente diferente da de viver numa floresta no meio do Alasca. Há uma morosidade, uma dificuldade em obter alimento e abrigo.

Além do mais, a neve em si, parece ter uma conotação de morte segundo a simbologia, sendo que é de conhecimento comum que a neve traz o frio consigo e impossibilita certas plantas e animais de continuarem seu progresso. Como explica Maria Angélica Lopes (1989, p. 110), a simbologia da neve é fortemente impregnada pelo tema “morte” obviamente derivada da estação do inverno em países frios. Ao que tudo indica, metaforicamente, Christopher foi ao encontro de sua morte no Alasca. O autor, talvez, nos coloca em uma posição de um certo luto pelo jovem, sua morte parece ao leitor, o término de uma jornada incessante pelo autoconhecimento e pela fuga da realidade da qual fizera parte.

A ida de Christopher ao Alasca pode ter em relação com o que foi analisado anteriormente, no que diz respeito Sonho Americano. Krakauer narra que, quando chegou à *Stampede Trail*, Chris encontrou um ônibus abandonado do qual fez sua morada temporária e que mal ele sabia, era o fim de sua jornada. Na parede interna do ônibus escreveu o que seria sua declaração de independência, a qual não

passou despercebida por quem o encontrou, já sem vida, meses depois dentro do ônibus:

Dois anos ele anda na terra. Sem telefone, sem piscina, sem animais de estimação, sem cigarros. Liberdade final. Um extremista. Um viajante estético cuja casa é a estrada. Escapou de Atlanta. Não voltarás, porque ‘o Oeste é o melhor’. E agora, depois de dois anos, vem a última e maior aventura. A batalha climática para matar o falso ser dentro e vitoriosamente concluir a revolução espiritual. Dez dias e noites de trens de carga e carona levam-no ao grande norte branco. Não mais para ser envenenado pela civilização, ele foge e caminha sozinho sobre a terra para se perder na natureza. Alexander Supertramp, maio de 1992.<sup>11</sup> (KRAKAUER, p. 163, 2015).

Essas palavras poderiam refletir o sentimento de liberdade que Chris desejava. Estar sozinho, em completa e única sensação de existência, longe da sociedade envenenada, como ele mesmo escreveu, e perdido na selva como um ser primitivo que não conhece o que há de mal fora do seu habitat. Como citado anteriormente, ele poderia estar travando uma batalha para matar o seu ‘falso ser’ o qual pertencia a sua antiga vida, a sua antiga moradia. Agora, sua mudança de nome faz sentido, pois uma vida nova se iniciou na natureza, em contato consigo mesmo ele pode concluir sua revolução espiritual e deixar de ser um homem que vivia numa redoma dentro da qual as influências da civilização tentaram corrompê-lo.



IMAGEM 4 E 5: Registros de Christopher no ônibus em *Stampade Trail*, tirados com sua máquina Polaroid

Fonte: Google Imagens<sup>12</sup>

<sup>11</sup> “Two years he walks the earth. No phone, no pool, no pets, no cigarettes. Ultimate freedom. An extremist. An aesthetic voyager whose home is the road. Escaped from Atlanta. Thou shalt not return, ‘cause “the west is the best.” And now after two rambling years comes the final and greatest adventure. The climactic battle to kill the false being within and victoriously conclude the spiritual revolution. Ten days and nights of freight trains and hitchhiking bring him to the great white north. No longer to be poisoned by civilization he flees, and walks alone upon the land to become lost in the wild. Alexander Supertramp, May 1992.” (KRAKAUER, 2015, p. 163).

<sup>12</sup> IMAGEM 4 e 5 Disponível em <[https://www.google.com.br/search?q=christopher+mccandless+POLAROID+photographs&rlz=1C1SQJL\\_pt-BRBR786BR786&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi66be8l8jbAhUCS5AKHXIOA6IQ\\_AUICigB&biw=1366&bih=637](https://www.google.com.br/search?q=christopher+mccandless+POLAROID+photographs&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR786BR786&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi66be8l8jbAhUCS5AKHXIOA6IQ_AUICigB&biw=1366&bih=637)>. Acesso em 5 jun 2018.

O Alasca é o marco de uma nova fase de Chris. Sua chegada e permanência são o seu pertencimento ao lugar. Ele pertence à natureza pela sua pureza de espírito, mas comenta que encontra esse pertencimento no momento que chega ao Alasca.

Muito foi comentado sobre Christopher quando seu caso ficou conhecido e sua morte descoberta. O ambientalista americano Paul Shepard disse que

o beduíno nômade não gosta de paisagens, de pintar paisagens ou compilar uma história natural não-utilitária ... Sua vida é tão profunda na transação com a natureza que não há lugar para a abstração ou a estética ou uma “filosofia da natureza” que possa ser separada do resto de sua vida ... A natureza e sua relação com ela são um assunto extremamente sério, prescrito por convenção, divertimento ou adulteração dos processos da natureza. Mas construído em sua vida está a consciência dessa presença, do terreno, do clima imprevisível, da margem estreita pela qual ele é sustentado.<sup>13</sup> (KRAKAUER, p. 184, 2015).

Segundo Shepard, Chris era só alguém perdido no Alasca e sem perspectiva do que havia ao seu redor, do que ele poderia vivenciar se olhasse para a natureza a qual o envolvia. Sua jornada seria uma jornada frustrada, pois ele não apreciou o que a natureza teria para o ensinar, mas esse é o ponto de vista de quem vivencia a natureza da forma com a qual um ambientalista vivência e, por fim, criou um estereótipo de Christopher a partir de relatos de seu diário nos quais ele basicamente escreveu sobre o que conseguira comer durante o tempo que passou no ônibus.

Para Krakauer, essa imagem não condiz com Chris por mais fácil que seja criar seu estereótipo como um garoto que pensava demais, que lia muitos livros, e tinha um senso medíocre de existência. Como o próprio autor comenta,

McCandless não era um frouxo irresponsável, à deriva e confuso, atormentado pelo desespero existencial. Ao contrário, sua vida vibrava com significado e propósito. Mas o significado que ele arrancou da existência estava além do caminho confortável; McCandless desconfiava do valor das

---

<sup>13</sup> “[T]he nomadic Bedouin does not dote on scenery, paint landscapes, or compile a nonutilitarian natural history... His life is so profoundly in transaction with nature that there is no place for abstraction or esthetics or a “nature philosophy” which can be separated from the rest of his life... Nature and his relationship to it are a deadly-serious matter, prescribed by convention, amusement or detached tampering with nature’s processes. But built into his life is awareness of that presence, of the terrain, of the unpredictable weather, of the narrow margin by which he is sustained.” (KRAKAUER, p. 184, 2015).

coisas que vinham facilmente. Ele exigiu muito de si mesmo – mais, no final, do que ele poderia entregar.<sup>14</sup> (KRAKAUER, p. 184, 2015)

Quando é dito que ele buscava entender como o propósito da vida, ou como viver sem influências, ele teve que ir ao extremo. Por isso essa constatação do autor: para poder encontrar a si mesmo teve de ir o mais longe possível para compreender como se dão as relações de poder entre a natureza e o ser humano, compreendendo assim que o homem é fraco perto da grandeza que pode enfrentar. Não sabemos ao certo quais foram as conclusões de Christopher sobre sua viagem, mas se sabe que ele tentou voltar para casa e desistiu ao ver o Rio Sushana - o qual estava completamente cheio e com uma correnteza devastadora, era época de degelo das montanhas, então o rio estava acima do seu nível normal - Christopher deveria ultrapassar o rio para chegar até a cidade mais próxima e assim tomar o caminho de volta à casa dos pais. Isso foi registrado no diário que foi encontrado junto ao seu corpo. Talvez ele tenha se visto vencido diante da força do rio e voltou para o ônibus, para esperar que o degelo baixasse em alguns dias, mas nunca mais saiu de lá.

Além do papel metafórico que o Alasca representaria nessa biografia, podemos perceber o quão forte foi seu papel em ensinar a Chris que não se deve viver a vida despreparado, Christopher não possuía muitas ferramentas nem roupas suficientes para o tempo que ficou em *Stampede Trail*, muito menos alimento. Possivelmente, tenha morrido envenenado por ter ingerido sementes mofadas de batata, que se ingeridas podem ser fatais – e sem conseguir caçar por não conseguir ficar sequer em pé, morreu de fome. O mesmo acontece quando se está despreparado para o cotidiano, em relações pessoais, acadêmicas e familiares, deve-se estar preparado para viver o dia seguinte como em uma caçada, as pessoas devem se preparar para o que a vida lhes aguarda, saber como lidar com cada situação.

O Alasca para Christopher pode ter sido o local no qual ele pode ter concebido suas maiores percepções sobre sua vida. Representa o fim da jornada humana, ensinando que sua vida depende de suas próprias escolhas e que, por

---

<sup>14</sup> “McCandless wasn't some feckless slacker, adrift and confused, racked by existential despair. To the contrary; his life hummed with meaning and purpose. But the meaning he wrested from existence lay beyond the comfortable path; McCandless distrusted the value of things that came easily. He demanded much of himself - more, in the end, than he could deliver.” (KRAKAUER, p. 184, 2015)



mais complexas que sejam, deve-se estar preparado para outras perspectivas como plano principal.



IMAGEM 5: Christopher em seus últimos dias, claramente desnutrido, foto provinda de sua máquina Polaroid  
Fonte: Google Imagens.<sup>15</sup>

Em nossa análise foi possível identificar certos pontos que podem passar despercebidos a um leitor comum. Este trabalho teve como objetivo demonstrar como uma ideologia pode estar presente na literatura, muitas vezes até influenciando, mas geralmente sendo apontada e desconstruída. Dessa forma, podemos compactuar com outra ideologia, a de Christopher. Após minuciosa leitura e esforço é possível compreender o que nos cerca. É, de fato, uma revolução entender o que nos domina e qual é a forma pela qual somos dominados.

Pode ser compreensível a admiração do autor, Jon Krakauer, ao recolher fotos, relatos e ir até o local onde Chris foi encontrado, *Stampade Trail*, pois, além de sua história ter sido uma grande contribuição à literatura em si, por meio deste livro analisado, a viagem e o objetivo são questões que podem ser levadas a um debate político-ideológico. A vida que é vivida, é intensamente voltada ao trabalho e à obtenção de lucro, deixando de lado o que de humano há em cada um.

---

<sup>15</sup> IMAGEM 5. Disponível em <[https://www.google.com.br/search?q=christopher+mccandless+POLAROID+photographs&rlz=1C1SQJL\\_pt-BRBR786BR786&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi66be8l8jbAhUCS5AKHXIOA6IQ\\_AUICigB&biw=1366&bih=637](https://www.google.com.br/search?q=christopher+mccandless+POLAROID+photographs&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR786BR786&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi66be8l8jbAhUCS5AKHXIOA6IQ_AUICigB&biw=1366&bih=637)>. Acesso em 10 jun 2018.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizarmos nosso trabalho, é importante ressaltarmos que a ideologia do Sonho Americano, enquanto discutida dentro dos ideais capitalistas é uma parte sólida e forte em qualquer sociedade do mundo ocidental. Ao percebermos o que é concebido como correto, como modelo de conduta às pessoas, é possível compreender como essa ideologia afeta nossas vidas num todo, partindo do preceito de trabalhar e consumir por deveras.

Como Chomsky argumentou, a sociedade norte-americana é refém da ideologia do Sonho Americano. As coisas que as pessoas possuem acabam as possuindo e fazendo delas vítimas do consumismo desenfreado. Cada vez mais a desigualdade social pode ser vista, pois muitos possuem pouco para viver e um pequeno número de pessoas é detentora de muito, isso em escala mundial.

Se partirmos deste ponto e o relacionarmos com nosso personagem, Christopher, conseguimos compreender que esta situação o fazia infeliz e, por esta razão, ele procurou ser o oposto disso, partindo de uma família com condições sociais muito boas, para o vasto mundo do Alasca que, apesar de puro, tranquilo e isento do caos urbano, também foi muito cruel com o seu possível “sonho” particular.

A biografia póstuma de Christopher McCandless pode nos ajudar a compreender como essa ideologia afeta a vida das pessoas e como algumas podem tomar decisões drásticas a respeito dela. Para a literatura, pode-se fazer uma relação entre realidade e ficção, pois os fatos noticiados no livro são produto do discurso de outras pessoas e do próprio autor, Jon Krakauer. O principal intuito não foi o de provar que ele foi até o Alasca ou que o que pensava era verdade. Nosso objetivo foi o de analisar como isso foi representado no livro e como uma ideologia pode estar tão impregnada a ponto de uma pessoa querer fugir dela e encontrar com a morte ao chegar ao Alasca.

No ano de 2014, a irmã de Christopher lançou o livro *The Wild Truth*, no qual conta outra parte da história de seu irmão, relatando fatos pelos quais ela acredita terem sido fundamentais para a partida de Chris, além de revelar cartas que nunca foram lidas pelo público antes. No livro ela conta que a violência doméstica pode ter sido o maior fator para a viagem dele. Além disto, ele escreveu a ela em carta que iria se “divorciar de seus pais” e que daria um jeito de sumir de toda a situação em que vivia. Este outro livro pode abrir novas possibilidades de análise futuras.

Terminamos a análise com a seguinte percepção, Chris era um aventureiro nato que em busca de sua verdadeira existência buscou abrigo longe de casa, longe de onde morava e da vida que vivia. Adotou outro nome e nadou contra a maré da sociedade americana abstendo-se de praticamente tudo que a civilização ofertava. De qualquer forma, encontrou no Alasca sua libertação.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Rosa Maria Baptista. **A metáfora na compreensão e interpretação do texto literário**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto. Porto, 2004. 448p.

BOORSTIN, Daniel. **The image, or, what happened to the American dream**. New York: Atheneum 1962.

CANDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

CHOMSKY, Noam. **Requiem for the American dream: the principles of concentrated wealth and power**. New York: Seven Stories Press, 2017.

DONOGHUE, Denis. **America in theory**. Tradução de Márcio Cavalcanti de Brito Gomes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

EAGLETON, Terry. **Ideologia, uma introdução**. Tradução de Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

HUTCHEON, Linda. **A poetic of post modernism: history, theory, fiction**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2003.

JEFFERSON, Thomas. **The Declaration of Independence & the Constitution of the United States**. Disponível em <<https://www.uscis.gov/sites/default/files/USCIS/Office%20of%20Citizenship/Citizenship%20Resource%20Center%20Site/Publications/PDFs/M-654.pdf>>. Acesso em: 20 de mai. 2018.

KRAKAUER, Jon. **Into the wild**. Toronto: Anchor Books Edition, 2015.

LONDON, Jack. **Caninos Brancos**. Tradução de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&PM, 2002.

LOPES, Maria Angélica. **A coreografia do desejo em “A Dama do Bar Nevada”**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). s a.

MELANDRI, Pierre. **História dos Estados Unidos desde 1865**. 2. ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2006.

OLIVEIRA NETTO, A. A. de. **Metodologia da pesquisa científica: guia prático para a apresentação de trabalhos acadêmicos**. 3. ed. rev. e atual. Florianópolis: Visual Books, 2008.

RIFFATERRE, Michael. **Intertextual representation: on mimesis as interpretive discourse**. 11. ed. Critical Inquiry, 1984.

SCHWARTSMAN, Hélio. Declínio de Detroit tem razão racial. 2010. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/veiculos/cv1701201004.htm>>. Acesso em: 20 mai 2018.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

THOREAU, Henry David. **Walden or life in the woods**. Tradução de Astrid Cabral. 7.ed. São Paulo: Ground, 2007.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. Sistema de Bibliotecas. **Normas para elaboração de trabalhos acadêmicos**. Curitiba: UTFPR, 2009.